

A SEMANA – 246*

14 de fevereiro de 1897

Conheci ontem o que é celebridade. Estava comprando gazetas a um homem que as vende na calçada da rua de S. José, esquina do largo da Carioca, quando vi chegar uma mulher simples e dizer ao vendedor com voz descansada:

- Me dá uma folha que traz o retrato desse homem que briga lá fora.
- Quem?
- Me esqueceu o nome dele.

Leitor obtuso, se não percebeste que “esse homem que briga lá fora” é nada menos que o nosso Antônio Conselheiro, crê-me que és ainda mais obtuso do que pareces. A mulher provavelmente não sabe ler, ouviu falar da seita dos Canudos, com muito pormenor misterioso, muita auréola, muita lenda, disseram-lhe que algum jornal dera o retrato do Messias do sertão, e foi comprá-lo, ignorando que nas ruas só se vendem as folhas do dia. Não sabe o nome do Messias; é “esse homem que briga lá fora”. A celebridade, caro e tapado leitor, é isto mesmo. O nome de Antônio Conselheiro acabará por entrar na memória desta mulher anônima, e não sairá mais. Ela levava uma pequena, naturalmente filha; um dia contará a história à filha, depois à neta, à porta da estalagem, ou no quarto em que residirem.

Esta é a celebridade. Outra prova é o eco de Nova York e de Londres onde o nome de Antônio Conselheiro fez baixar os nossos fundos. O efeito é triste, mas vê se tu, leitor sem fanatismo, vê se és capaz de fazer baixar o menor dos nossos títulos. Habitante da cidade, podes ser conhecido de toda a rua do Ouvidor e seus arrabaldes, cansar os chapéus, as mãos, as bocas dos outros em saudações e elogios; com tudo isso, com o teu nome nas folhas ou nas esquinas de uma rua, não chegarás ao poder daquele homenzinho, que passeia pelo sertão uma vila, uma pequena cidade, a que só falta uma folha, um teatro, um clube, uma polícia e sete ou oito roletas, para entrar nos almanaques.

* Esta edição foi preparada a partir da consulta às seguintes fontes: GN (ano XXIII, n. 45, p. 1, 14 fev. 1897), SEMMA (p. 419-424) e SEM1953 (v. 3, p. 412-418). Texto-base: GN. Editor: Gilson Santos. Revisor: José Américo Miranda.

Um dia, anos depois de extinta a seita e a gente dos Canudos, Coelho Neto, contador de coisas do sertão, talvez nos dê algum quadro daquela vida, fazendo-se cronista imaginoso e magnífico deste episódio que não tem nada fim de século. Se leste o *Sertão*, primeiro livro da *Coleção Alva*, que ele nos deu agora, concordarás comigo. Coelho Neto ama o sertão, como já amou o Oriente,¹ e tem na palheta as cores próprias – de cada paisagem. Possui o senso da vida exterior. Dá-nos a floresta, com os seus rumores e silêncios, com os seus bichos e rios, e pinta-nos um caboclo que, por menos que os olhos estejam acostumados a ele, reconhecerão que é um caboclo.

Este livro do *Sertão* tem as exuberâncias do estilo do autor, a minuciosidade das formas, das coisas e dos momentos, o numeroso rol das características de uma cena ou de um quadro. Não se contenta com duas pinceladas breves e fortes; o colorido é longo, vigoroso e paciente, recamado de frases como aquela do céu quente “donde caía uma paz cansada”,² e de imagens como esta: “A vida banzeira, apenas alegrada pelo som da voz de Felicinha, de um timbre fresco e sonoro de mocidade, derivava como um rio lodoso e pesado de águas grossas, à beira do qual cantava uma ave jocunda.”³ A natureza está presente a tudo nestas páginas. Quando Cabiúna morre (*Cega*, 280)⁴ e estão a fazer-lhe o caixão, à noite, são as águas, é o farfalhar das ramas fora que vem consolar os tristes de casa pela perda daquele “esposo fecundante das veigas virgens, patrono humano da floração dos campos, reparador dos flagelos do sol e das borrascas.”⁵ *Cega* é uma das mais aprimoradas novelas do livro. *Praga* terá algures demasiado arrojo, mas compensa o que houver nela excessivo pela vibração extraordinária dos quadros.

Estes não são alegres nem graciosos, mas a gente orça ali pela natureza da praga, que é o cólera. Agora, se quereis a morte jovial, tendes *Firmo, o vaqueiro*, um

¹ Brito Broca (1913-1961) – no ensaio “Coelho Neto, romancista”, que se encontra no livro *Ensaios da mão canhestra*, – informa a respeito de Coelho Neto (1864-1934): “No mesmo ano em que publica *Miragem*, dá-nos *O Rei Fantasma*, romance imaginário do Egito antigo, e que deve ser colocado ao lado de *O Rajá do Pendjab*, de 1898. Li há muito tempo essas obras, cujas primeiras edições logo se esgotaram, e que nunca foram reeditadas. *O Rei Fantasma*, conheci-o, aliás, em um exemplar velhíssimo, do clube da minha cidade natal. Embora conserve ainda mais ou menos vivas as impressões da leitura, cuidei de renová-las, procurando os referidos volumes na Biblioteca Nacional. Mas só lhes encontrei as fichas, o que me impediu de verificar se possuem alguma importância na obra de Coelho Neto. Acredito que não; foram dois romances escritos em folhetins, com o objetivo essencial de divertir o público. Em *O Rei Fantasma*, a possível inspiração de Flaubert não obstou a Coelho Neto apresentar-nos um Egito puramente decorativo e de opereta.” (BROCA, p. 187, in: John Gledson – *Machadiana Eletrônica*, v. 4, n. 8, p. 215, nota 6, 2021) O livro *O rei fantasma* foi publicado em folhetins, de 7 a 31 de dezembro de 1887, no periódico *Cidade do Rio* (Ver: <<https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?id=141555>>); e a primeira edição em livro é de 1895, no Rio de Janeiro (editora Moderna). *Sertão* (1896) é um livro de contos.

² “Do céu quente, sob a radiação nevrótica do sol, caía uma paz cansada”. (COELHO NETO, 1912, p. 80 – conto “O Enterro”)

³ jocunda.”] jocunda.” – em SEM1953. (COELHO NETO, 1912, p. 224 – conto “Cega”)

⁴ (*Cega*, 280)] (*Cega* 280) – em GN e em SEMMA. Acatamos a vírgula inserida por Aurélio.

⁵ COELHO NETO, 1912, p. 218 – conto “Cega”.

octogenário que “não deixa cair um verso no chão”,⁶ e morre cantando e ouvindo cantar ao som da viola. *Os velhos* foram dados aqui.⁷ *Tapera* saiu na *Revista Brasileira*.⁸

Os costumes são rudes e simples, agora amorosos, agora trágicos, as falas adequadas às pessoas, e as ideias não sobem da cerebração natural do matuto. Histórias sertanejas dão acaso não sei que gosto de ir descansar, alguns dias, da polidez encantadora e alguma vez enganadora das cidades. Varela sabia o ritmo particular desse sentimento; Gonçalves Dias, com andar por essas Europas fora, também o conhecia; e, para só falar de um prosador e de um vivo,⁹ Taunay dá vontade de acompanhar o Dr. Cirino e Pereira por aquela longa estrada que vai de Sant’Ana de Paranaíba a Camapuã,¹⁰ até o leito da graciosa Nocência. Se achardes no *Sertão* muito sertão, lembrai-vos que ele é infinito, e a vida ali não tem esta variedade que não nos faz ver que as casas são as mesmas, e os homens não são outros. Os que parecem outros um dia é que estavam escondidos em si mesmos.

Ora bem, quando acabar esta seita dos Canudos, talvez haja nela um livro sobre o fanatismo sertanejo e a figura do Messias. Outro Coelho Neto, se tiver igual talento, pode dar-nos daqui a um século um capítulo interessante, estudando o fervor dos bárbaros e a preguiça dos civilizados, que os deixaram crescer tanto, quando era mais fácil tê-los dissolvido com uma patrulha, desde que o simples frade não fez nada. Quem sabe? Talvez então algum devoto, relíquia dos Canudos, celebre o centenário desta finada seita.

Para isso, basta celebrar o centenário da cabeleira do apóstolo, como agora, pelo que diz o *Jornal do Commercio*, comemoraram em Londres o centenário da invenção do chapéu alto.¹¹ Chapéus e cabelos são amigos velhos. Foi a 15 de janeiro último. Não conhecendo a história deste complemento masculino, nada posso dizer das circunstâncias

⁶ COELHO NETO, 1912, p. 159 – conto “Firmo, o vaqueiro”.

⁷ Aqui, na *Gazeta de Notícias*, entre 5 de julho e 9 de agosto de 1896: n. 186, p. 1, 5 jul.; n. 187, p. 1, 6 jul.; n. 188, p. 1, 7 jul.; n. 189, p. 1, 8 jul.; n. 195, p. 1, 14 jul.; n. 196, p. 1, 15 jul.; n. 197, p. 2, 16 jul.; n. 199, p. 1, 18 jul.; n. 200, p. 1, 19 jul.; n. 202, p. 1, 21 jul.; n. 203, p. 1, 22 jul.; n. 204, p. 1, 23 jul.; n. 205, p. 1, 24 jul.; n. 212, p. 2, 31 jul.; n. 213, p. 2, 1 ago.; n. 217, p. 2, 4 ago.; e n. 222, p. 2, 9 ago.

⁸ *Revista Brasileira*, t. I, p. 193-199, p. 329-335, jan.-mar. 1895; e t. II, p. 5-10, p. 176-182, p. 206-211, abr.-jun 1895.

⁹ de um prosador e de um vivo,] de um prosador de um vivo, – em GN. Seguimos a lição de Aurélio, que já vinha em Mário de Alencar.

¹⁰ Camapuã] Camapuama – em GN e em SEMMA. Aurélio Buarque de Holanda (1953, v. 3, p. 446) registrou em nota que [Camapuama] “está na *Gazeta de Notícias*, por lapso, em vez de Camapuã.”

¹¹ No Folhetim do *Jornal do Commercio* (ano 75, n. 306, p. 1, col. 7, 1º nov. 1896), lê-se: “Já as folhas noticiaram que se pretende celebrar o centenário do chapéu de pelo, vulgo cartola. / [...] / Tornou-se a cobertura da burguesia igualitária e democrática, e tem resistido a todos os caprichos da moda, a todas as inovações.” A *Gazeta de Notícias* (ano XXIII, n. 57, p. 1, col. 4-5, 26 fev. 1897) publicou (em data posterior à publicação desta crônica) matéria sobre “A EVOLUÇÃO DA CARTOLA” em que se lê: “O sr. John Grand-Carteret, em um artigo do *Figaro*, procurou provar que é falsa a data atribuída à invenção do chapéu alto, mais vulgarmente conhecido por cartola, canudo ou chaminé. Tratam neste momento de celebrar-lhe o centenário, mas este está errado.” Não seria excesso admitir que Machado de Assis tenha lido o artigo publicado no *Figaro*. Ver a matéria ilustrada da *Gazeta* ao final desta crônica.

em que ele apareceu no dia 15 de janeiro de 1797. Ou foi exposto à venda naquela data, ou apontou na rua, ou algum membro do parlamento entrou com ele no recinto dos debates, à maneira britânica. Fosse como fosse, os ingleses celebraram esse dia histórico da chapelaria humana. Sabeis o que Macaulay disse da morte de um rei e da morte de um rato.¹² Aplicando o conceito ao presente caso, direi que a concepção de um chapeleiro no ventre de sua mãe é, em absoluto, mais interessante que a fabricação de um chapéu; mas, hipótese haverá em que a fabricação de um chapéu seja mais interessante que a concepção do chapeleiro. Este não passará¹³ do chapéu comum e trabalhará para uma geração apenas; aquele será novo e ficará para muitas gerações.

Com efeito, lá vai um século, e ainda não acabou o chapéu alto. O chapéu baixo e o chapéu mole fazem-lhe concorrência por todos os feitios, e, às vezes, parecem vencê-lo. Um fazendeiro, vindo há muitos anos a esta capital, na semana em que certa chapelaria da rua de S. José abriu ao público as suas seis ou sete portas, ficou pasmado de vê-las todas, de alto a baixo, cobertas de chapéus compridos.¹⁴ Tempo depois, voltando e indo ver a casa, achou-lhe as mesmas seis ou sete portas cobertas de chapéus curtos. Cuidou que a vitória destes era decidida, mas sabeis que se enganou. O chapéu alto durará ainda e durará por muitas dúzias de anos. Quando ninguém já o trouxer de passeio ou de visita, servirá nas cerimônias públicas. Eu ainda alcancei o porteiro do senado, nos dias de abertura e de encerramento da assembleia geral, vestindo calção, meia e capa de seda preta, sapato raso com fivela, e espadim à cinta. Por fim acabou o vestuário do porteiro. O mesmo sucederá ao chapéu alto; mas por enquanto há quem celebre o seu primeiro século de existência. Tem-se dito muito mal deste chapéu. Chamam-lhe *cartola*, *chaminé*, e não tarda *canudo*, para rebaixá-lo até à cabeleira hirsuta de Antônio Conselheiro. No Carnaval, muita gente o não tolera, e,¹⁵ os mais audazes saem à rua de chapéu baixo, não tanto para poupar o alto, como para resguardar a cabeça, sem a qual não há chapéu alto nem baixo.

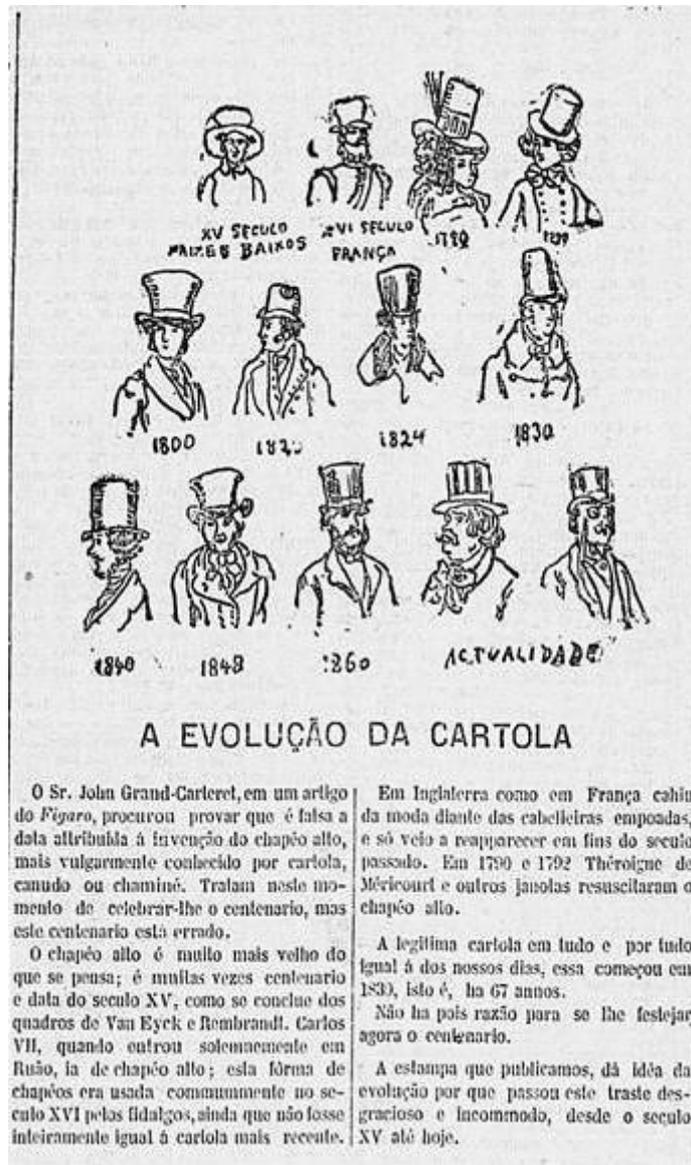


¹² Machado de Assis possuía, em sua biblioteca, obras desse autor – Thomas Macaulay (1800-1859). Não sabemos o que ele disse.

¹³ passará] passare – em GN. Acatamos a lição de Aurélio, que já vinha em Mário de Alencar.

¹⁴ chapéus compridos.] chapéus comprido – em GN. Acatamos a lição de Aurélio, que já vinha em Mário de Alencar.

¹⁵ e,] e – em SEM1953.



FONTE: *Gazeta de Notícias*, ano XXIII, n. 57, p. 1, 26 fev. 1897.

Lista das abreviaturas empregadas nesta edição

GN – *Gazeta de Notícias*.

SEMMA – *A Semana*, edição Mário de Alencar, 1922.

SEM1953 – *A Semana*, edição W. M. Jackson, 1953, 3v.

Referências

ASSIS, Machado de. A Semana. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, ano XXIII, n. 45, p. 1, 14 fev. 1897. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=15763>.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. Edição coligida por Mário de Alencar. Rio de Janeiro: Garnier, 1922.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. Revisão crítica e notas de Aurélio Buarque de Holanda. Rio de Janeiro: Jackson, 1953. v. 3 (1895-1900).

ASSIS, Machado de. *Obra completa em quatro volumes*. (Org.) Aloizio Leite, Ana Lima Cecílio, Heloísa Jahn. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar. 2008. 4v.

ASSIS, Machado de. *Crônicas escolhidas*. Organização, introdução e notas de John Gledson. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2013.

ASSIS, Machado de. A Semana. *Machadiana Eletrônica*, Vitória, v. 4, n. 8, jul.-dez. 2021. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/machadiana/issue/view/993>>.

BROCA, Brito. *Ensaio da mão canhestra*. São Paulo: Pólis; Brasília: INL, 1981.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

COELHO NETO, H. M. *Sertão*. Rio de Janeiro: Leuzinger, 1896.

COELHO NETO, H. M. *Sertão*. 3. ed. Porto: Lello e Irmão, 1912. (Disponível em: <<https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?id=141564>>)

MACHADO, Ubiratan. *Dicionário de Machado de Assis*. 2. ed. Rio de Janeiro: ABL, 2021.

VOCABULÁRIO ortográfico da língua portuguesa. 5. ed. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009. Disponível em: <<https://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>>.